

COMENTÁRIO BÍBLICO

1º Domingo depois da Páscoa – Ano A

19abril2020

Atos 2,14a.22-32; Salmo 16,5-11; 1 S. Pedro 1,3-9

S. João 20,19-31

¹⁹Na tarde desse mesmo dia, o primeiro da semana, os discípulos encontravam-se juntos e tinham as portas fechadas com medo das autoridades judaicas. Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco!» ²⁰Depois mostrou-lhes as mãos e o peito. Eles alegraram-se muito por verem o Senhor. ²¹Jesus disse-lhes outra vez: «A paz esteja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio.» ²²Em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebam o Espírito Santo. ²³Àqueles a quem perdoarem os pecados, são perdoados; e àqueles a quem não os perdoarem, não lhes são perdoados.»

²⁴Ora Tomé, um dos Doze, a quem chamavam Gémeo, não estava com eles quando Jesus lhes apareceu. ²⁵Os outros discípulos contaram-lhe: «Vimos o Senhor!» Mas Tomé respondeu-lhes: «Se eu não vir a ferida dos pregos nas suas mãos e não meter o meu dedo no lugar dos pregos e a minha mão na ferida do peito, não acredito.»

²⁶Uma semana mais tarde, os discípulos estavam de novo reunidos em casa, e Tomé encontrava-se com eles. Apesar de as portas estarem fechadas, Jesus entrou, pôs-se no meio deles e exclamou: «A paz esteja convosco!» ²⁷A seguir disse a Tomé: «Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos, estende a tua mão e mete-a no meu peito. Não sejas descrente! Acredita!» ²⁸E Tomé respondeu: «Meu Senhor e meu Deus!» ²⁹Jesus disse-lhe: «Crês agora porque me viste? Felizes os que creram sem terem visto.»

³⁰Jesus fez ainda diante dos seus discípulos muitos outros sinais que não vêm neste livro. ³¹Estes foram aqui contados para que creiam que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida no seu nome.

1. O “primeiro dia da semana”, no contexto judaico, após a morte de Jesus, começou por ser um verdadeiro pesadelo para os discípulos. Foi como que ocorresse um apagão nas suas vidas, nas suas expectativas. Eram homens de um tempo e de uma cultura e, por mais que Jesus os tenha avisado, nunca lhes passou pela cabeça outro epílogo para a sua aventura com Jesus que não o da sua gloriosa proclamação como Messias. Mas, com sua ausência, a esperança messiânica dum reino político estabelecido por um descendente de David estava desfeita: «*nós esperávamos que fosse ele quem viria libertar Israel! Mas com todas estas coisas, já lá vão três dias desde que isto aconteceu.*» (S. Lucas 24, 21-24). A realidade esmagava-os e eles viviam o amargo da derrota. Por isso tinham medo e trancaram a porta da casa. Pior, era tanto o seu desalento que, quando Jesus lhes apareceu, «*pensavam que era um fantasma*».

Porém, Jesus tranquilizou-os, mostrou-lhes as mãos e os pés, permitiu que lhe tocassem e comeu peixe assado que lhe deram (S. Luc. 24, 36-43). Jesus ressuscitado toca-se e apalpa-se e encontra-se não no medo e pasmo, mas na paz e na alegria. E a consequência é essa humilde invocação feita de palavra incontida, que vem de dentro, inexplicável: «*Senhor meu e Deus meu*». Então, nasceu-lhes uma nova esperança, uma etérea luminosidade que se parecia como um novo começo, uma nova vida no seu esplendor que os transformou e levou à corajosa declaração «*Este é Jesus a quem Deus ressuscitou, e nós somos testemunhas disso*» (Atos 2, 32).

Podemos dizer: eles também ressuscitaram. Ou seja, uma realidade mais elevada se inoculou na sua experiência de vida, o que lhes fez ver que «os benefícios pelos quais louvamos a Deus estão ligados à pessoa de Cristo, e, sobretudo, à sua ressurreição» (I Pe 1,3-9).

2. Acostumados como estamos a proclamar no Credo: “Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras” e “Esperamos a ressurreição dos mortos”, quedamo-nos numa fé em algo que aconteceu no passado, por um lado, e, por outro, mantemos a esperança em algo que se há-de manifestar no futuro. Porém, precisamos ir mais longe e mais fundo: acreditar na Ressurreição e viver em consequência como algo que tem a ver com a nossa vida, no presente.

Tal como os discípulos naquele primeiro dia da semana, muitos de nós caminham na estrada da vida sem esperança ou com muito pouca esperança, amedrontados pela realidade que os esmaga, impotentes perante os limites pessoais, familiares, profissionais e sociais que se levantam no seu caminhar. Isto é, sentem muita dificuldade em ‘enxertar’ a Ressurreição na sua vida, no presente. Por outras palavras, não sabem como fazer para que o Cristo ressurreto se faça presente na sua vida, hoje.

Ao ler os textos dos Evangelhos que nos narram a relação dos discípulos com Jesus ressurreto apercebemo-nos que a Ressurreição não tem como se explicar, vive-se tão só e mostra-se na eficácia da sua presença. Também, descobrimos que o Deus que se nos revela em Jesus entra pelos sentidos: a vista, o ouvido, o tato e o gosto... o encontro com o humano. Por isso se pode dizer: “O objeto da fé na Ressurreição não é colocado nem na eternidade do céu, nem na impenetrabilidade do passado, mas no futuro da terra sobre a qual foi fixada e está fincada até hoje a cruz de Cristo.” Então, o ‘hoje’ da Ressurreição na nossa vida depende da nossa fé nela como o sinal do amor de Deus à humanidade em seu filho Jesus Cristo, o sofrente, morto e sepultado, e depende também da nossa vontade de ‘ver’ e ‘tocar’ os sofrentes deste nosso tempo, particularmente os que vivem no mais baixo da condição humana: na fome e na sede, na dor e solidão, no abandono à privação dos humanos que são os mais mal tratados pela vida (S. Mat. 25, 31-46). Assim cremos no Cristo ressuscitado, somos agentes de esperança e «*temos vida no seu nome.*» (S. João 20,31).

3. Com as notícias sobre o número de infetados e mortos em todo o mundo vítimas do Covid19 as pessoas estão a dar-se conta da vulnerabilidade da sua condição humana, apesar dos grandes progressos da ciência. Na semana passada enviaram-me um vídeo com uma mensagem da filha do Presidente do Banco Santander, um português que morreu infetado. Diz o seguinte: “Somos uma família milionária, mas o meu pai morreu sozinho e sufocado, buscando algo que é grátis. O ar. O dinheiro ficou em casa”. Será que há sinais de mudança no comportamento humano? Por outro lado, começa a ouvir-se gente avalizada sobre o que nos espera quando chegar o tempo da pós-pandemia. A opinião generalizada é a de que se vai viver uma situação semelhante à de um pós-guerra”.

Parece-me que nós, os crentes, estamos a ser chamados a viver a Ressurreição neste nosso presente. Vamos precisar de ter a coragem de acreditar no Deus que liberta e salva com poder superior às forças da morte, a par de uma atitude de vida que se faça presente pelos sentidos, no ‘ver’ e ‘tocar’ os sofrentes ao nosso lado.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

ⁱ Carlos Mesters, 'Curso Bíblico', Edições Paulistas, Sacavém, 1982, pag 291